

CONFERÊNCIA

“Ensaio Clínicos: Investigação que dá esperança aos doentes e traz melhor vida a todos”

17 de maio de 2024

WORKSHOP

Visão integrada sobre como construir uma comunidade de doentes informada e ativa



Compilação das perspetivas e recomendações dos diversos intervenientes no ecossistema de ensaios clínicos em Portugal, resultantes do workshop “Visão integrada sobre como construir uma comunidade de doentes informada e ativa” dinamizado pela EUPATI no âmbito da Conferência “Ensaio Clínicos: Investigação que dá esperança aos doentes e traz melhor vida a todos” organizada pela Apifarma a 17 de maio de 2024.

INTRODUÇÃO

A investigação e o desenvolvimento de novos medicamentos exigem uma colaboração abrangente entre diversas entidades, incluindo o Serviço Nacional de Saúde, autoridades reguladoras, centros de estudo públicos e privados, academia, associações de pessoas com doença, ordens profissionais de saúde e a indústria farmacêutica. Uma visão integrada e cooperação global são essenciais para promover a melhoria da saúde, a qualidade de vida das pessoas com doença, a liderança científica e o crescimento económico em Portugal.

O envolvimento ativo das pessoas com doença, incentivado pelo Regulamento da EU N.º 536/2014, aumenta a eficácia e a credibilidade dos ensaios clínicos, reforçando princípios sociais importantes como justiça, autonomia e equidade. É crucial valorizar a diversidade de perspetivas, conhecimentos e contribuições de todas as partes interessadas, promovendo relações de benefício mútuo, escuta ativa, abertura e flexibilidade.

1. LÍTERACIA EM SAÚDE E ACESSO À INFORMAÇÃO

As pessoas com doença e os seus cuidadores informais/familiares precisam de acesso apropriado, transparente e compreensível às informações sobre ensaios clínicos relevantes para as suas condições clínicas. Isso inclui não apenas a disponibilidade de informações, mas também a educação sobre o que são ensaios clínicos, como funcionam e quais são os seus potenciais benefícios e riscos. Ao capacitá-las com conhecimento e ferramentas de acesso a informação fidedigna, as pessoas com doença podem tomar decisões informadas sobre participar, ou não, em ensaios clínicos e podem tornar-se embaixadores da investigação clínica.

Concomitantemente, é crucial melhorar e antecipar o acesso apropriado a informação de saúde de qualidade, promovendo programas de literacia em saúde desde cedo, nos primeiros ciclos de ensino nas escolas, transformando e capacitando professores/educadores em agentes ativos de saúde pública para que as crianças e jovens estejam bem informados no presente e se tornem adultos responsáveis no futuro. Os programas de literacia em saúde devem estender-se a todas as faixas etárias, sendo adaptados ao tipo de público-alvo.

O perfil público do Sistema de Informação sobre Ensaios Clínicos (*Clinical Trials Information System, CTIS*) será determinante para o acesso a informações sobre investigação clínica e ensaios clínicos (resumo para leigos) por parte dos cidadãos. Deste modo, seria útil uma

sessão pública de apresentação em português desta plataforma europeia, onde se apresente o tipo de informação que está disponível.

É importante incluir as associações de pessoas com doença no processo de literacia. A AADIC (Associação de Apoio a Doentes com Insuficiência Cardíaca) pode servir como exemplo, e as suas estratégias podem ser adaptadas para outros contextos. No que diz respeito às escolas, os ACES e, especificamente, a Saúde Escolar têm um papel fundamental em qualquer estratégia de ensino adotada. Mais importante do que o envolvimento de profissionais de saúde ou de ensino, é crucial que o Ministério da Educação e a tutela reconheçam a importância de incluir nos programas escolares matérias específicas sobre Ensaio Clínico, ao longo de toda a formação escolar, e não apenas ao nível académico.

Não é somente importante o professor enquanto agente de saúde pública, mas envolver todos os cidadãos nesse processo de se transformar em agentes de saúde pública. É imperativo que a informação seja abordada em programas televisivos de grande audiência. Seria interessante que novelas e outros programas de televisão populares abordassem a participação de personagens em ensaios clínicos, pois esse tipo de conteúdo tem grande audiência e contribui significativamente para a disseminação da mensagem e informação. Além disso, programas de debate matinais ou vespertinos também devem ser considerados para promover a discussão e consciencialização sobre o tema.

2. CAPACITAÇÃO E FORMAÇÃO

Para a capacitação das pessoas com doença, é fundamental que os profissionais de saúde expliquem às pessoas com doença e seus cuidadores como se desenrola o processo de investigação, esclareçam as suas dúvidas (e tenham tempo para o fazer), transmitindo confiança no processo. Os cuidados de saúde primários são chave nesta área. Outro aspeto chave é capacitar os investigadores para lidar com a nova realidade do “doente especialista”, promovendo a comunicação e aproximação da linguagem, essencial para que a ligação entre os vários intervenientes, como a academia, os promotores, as unidades de saúde e a sociedade, ocorra de maneira mais eficaz e consequente.

É também importante que os Promotores e as Organizações de Investigação por Contrato (*Contract Research Organizations, CRO*) entrem em contacto com as associações de pessoas com doença em Portugal, tornando-as parte do processo de investigação e permitindo que

ganhem experiência nesta área. Sem dúvida, a formação é importante ao longo da vida de quem trabalha em ensaios clínicos. A Ordem dos Enfermeiros, em parceria com a Apifarma, desenvolveu uma formação específica em ensaios clínicos para Enfermeiros. No entanto, a profissionalização é essencial para que os resultados e objetivos sejam alcançados. Há que haver profissionais dedicados a esta área em tempo completo e não apenas em tempo parcial ou conforme as necessidades de cada instituição.

Mais uma vez, é importante incluir a tutela/governo na necessidade de criar uma carreira específica nesta área de investigação, em ensaios clínicos. A maioria das equipas de investigação que se dedicam a trabalhar em ensaios clínicos fazem-no em acumulação com outras funções e durante o seu tempo pessoal/familiar/social, e não durante o seu horário de trabalho para desenvolver estas funções. A criação de Departamentos de Investigação Clínica nos Centros Hospitalares/Unidades Locais de Saúde (ULS), com parcerias com a academia, responde parcialmente a esta necessidade, contudo, sem uma carreira específica abrangendo os diferentes licenciados desses Departamentos, o problema persiste. A ajuda de participantes em ensaios clínicos já ocorre em várias jornadas/congressos médicos/enfermeiros em algumas áreas de intervenção.

3. ENVOLVIMENTO DAS PESSOAS COM DOENÇA E FAMÍLIAS NA INVESTIGAÇÃO

As pessoas com doença e as suas famílias (cuidadores informais) devem ser consideradas parceiros ativos na investigação clínica, e não meramente como sujeitos passivos. Esta abordagem implica envolvê-los em todas as fases da investigação, desde as fases iniciais até ao desenho do estudo e à análise dos resultados, incluindo a participação em conselhos consultivos de pessoas com doença e cuidadores.

É crucial que as pessoas com doença e seus representantes (Associações) participem nas Comissões de Ética, colaborando mais estreitamente com promotores e investigadores. Para assegurar uma participação efetiva e um envolvimento profundo das pessoas com doença com os diversos grupos de interesse, sugere-se a criação de um código de boas práticas para o seu envolvimento, fundamentado em valores universais de relevância, justiça, transparência, confiança, equidade, diversidade e capacitação.

É essencial envolver famílias e cuidadores em todas as áreas da investigação clínica, pois sua perspectiva e apoio são vitais para a eficácia e relevância dos estudos. O seu envolvimento contribui para uma compreensão mais abrangente das necessidades das pessoas com doença e para a adaptação das intervenções aos contextos reais das suas vidas. Já se verifica a participação de familiares/cuidadores no âmbito de patologias pediátricas, sendo sempre um valor acrescentado o incentivo a esta participação em todos os contextos. É importante a existência de parcerias com grupos que promovam esta realidade.

Tanto no âmbito de estudos pediátricos como adultos, é fundamental o envolvimento das famílias em todas as etapas do desenvolvimento e investigação de intervenções diagnósticas ou terapêuticas. Esse envolvimento deve ser substancial e contínuo, e não meramente simbólico ou transacional, reconhecendo-as como verdadeiros especialistas.

Existem metodologias estruturadas e comprovadas para facilitar esse envolvimento, além de ferramentas de formação e capacitação adequadas (p. ex., através da EUPATI). É vital reconhecer as necessidades e particularidades do contexto pediátrico, considerando os aspetos éticos e as práticas de envolvimento de crianças e famílias, que devem ser respeitadas sem que isso justifique a sua exclusão do processo de investigação.

Grupos e Iniciativas como a EUPATI, a EURORDIS, a eYPAGNet, juntamente com a rede conect4children, entre outros, têm ampla experiência em promover o envolvimento e a capacitação de adultos, crianças e famílias. Essas organizações desenvolvem ferramentas para treinar e capacitar tais grupos a participar ativamente, como é o caso dos YPAG (Young Persons Advisory Group), que aconselham investigadores e equipas em projetos de investigação clínica.

É prioritário identificar e promover instrumentos e abordagens de formação já desenvolvidos e testados internacionalmente por esses grupos, assim como valorizar materiais de alta qualidade produzidos nacionalmente, como aqueles produzidos pela EUPATI e a STAND4Kids, que está empenhada em identificar recursos nacionais dirigidos a adultos, crianças e famílias.

A ideia de incluir representantes de pessoas com doença nas Comissões de Ética é interessante, mas coloca sempre a questão de formação em diferentes áreas. Numa altura em que ainda se discute a nova diretiva europeia sobre ensaios clínicos, poderá ser um momento adequado para se implementar esta representação. A discussão sobre a partilha europeia de dados em saúde já incluiu o envolvimento de utentes e pode ajudar a implementar esta ideia.

É importante que as instituições de investigação desenvolvam mecanismos transparentes e integrados na sua prática de investigação habitual, permitindo a colaboração com “doentes especialistas” (*patient experts*) e considerando ou integrando, o mais precocemente possível, as necessidades reais não respondidas destas populações no fluxo de investigação. Além de aproximar a ciência da sociedade, um envolvimento proativo e sistemático pode ajudar a promover um sentimento de pertença a este setor de atividade, preponderante para a promoção da saúde e prevenção da doença.

4. COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO DE ENSAIOS CLÍNICOS

A comunicação é fundamental na divulgação, recrutamento e manutenção dos participantes nos ensaios clínicos. Atualmente, a falta de um processo claramente definido para estabelecer o papel de todas as partes envolvidas, como a Indústria Farmacêutica, hospitais/centros de saúde/unidades locais de saúde e associações de pessoas com doença, complica esta tarefa e limita o potencial de uma investigação participativa.

Para uma comunicação mais eficaz e sistemática, sugere-se a criação e implementação de um plano estratégico de comunicação que inclua o uso de redes sociais, a colaboração entre as partes interessadas, sinergias e capitalização das plataformas existentes (ex. Portugal Clinical Trials), aumento da literacia sobre ensaios clínicos, mitigação de estigmas e distribuição de materiais informativos, com recurso a redes sociais.

Uma plataforma digital que possa ser utilizada para envolver as pessoas com doença e o público em geral nos ensaios clínicos, fornecendo informações claras e oportunidades de participação, parece ser indispensável. Esta abordagem digital pode tornar o processo de participação mais acessível e transparente, promovendo a consciencialização e a participação ativa da comunidade na investigação clínica, tornando-a mais atual e inclusiva.

Atendendo às baixas taxas de pessoas com doença recrutadas/planeadas para ensaios clínicos em Portugal, e sendo Portugal um país de pequena dimensão, seria também importante trabalhar numa estratégia eficaz de referência de pessoas com doença. Esta medida potenciará o aumento do número de cidadãos com acesso a tratamentos inovadores.

Seria interessante a utilização da rede interna de cada instituição para a promoção e divulgação dos ensaios clínicos existentes nessa instituição. Os utentes passam muito tempo a aguardar consultas ou a realização de exames nas salas de espera, podendo o circuito

intranet da instituição divulgar essa informação. Muitos utentes têm acesso, por via da internet, à página oficial da instituição, podendo inclusive ter acesso à marcação de exames ou aos resultados dos mesmos. Esta pode também ser uma ferramenta útil para fazer essa divulgação.

A criação de um plano estratégico de comunicação é importante, devendo abranger as redes sociais, podcasts em várias plataformas e também os canais de comunicação social. Neste sentido, é importante envolver a tutela/governo neste plano estratégico de comunicação e combate à iliteracia em ensaios clínicos.

Um exemplo de plataforma digital que pode servir de inspiração é a EVITA Platform, desenvolvida pela Associação EVITA-Cancro Hereditário como uma iniciativa "De Cidadão para Cidadão". A EVITA Platform foi criada para colmatar lacunas na área do cancro hereditário, que também são observadas em outras patologias, proporcionando um espaço virtual para divulgar notícias, eventos, materiais educativos e ensaios clínicos. As funcionalidades desenvolvidas e implementadas na EVITA Platform demonstram como se pode tornar o processo de envolvimento das pessoas com doença mais ágil e eficiente.

5. COLABORAÇÃO E PARCERIAS

As associações de pessoas com doença têm um papel vital no desenvolvimento de campanhas que aumentem a consciencialização sobre o valor da investigação clínica. Tais iniciativas podem promover uma maior adesão e participação ativa dos cidadãos (com e sem doença) na investigação clínica.

É também fundamental que se continue a investir e promova campanhas de consciencialização junto a profissionais e cidadãos para a importância da notificação de acontecimentos adversos relacionados com a utilização de medicamentos, contribuindo para a avaliação contínua da segurança e eficácia dos medicamentos. O envolvimento da comunidade em geral, incluindo cidadãos/pessoas sem doença, é também essencial para promover uma cultura de informação, transparência e confiança na investigação clínica.

Além das associações de pessoas com doença, parcerias com a indústria farmacêutica, hospitais, institutos de investigação, entre outras entidades, também podem contribuir significativamente para o aumento da literacia sobre ensaios clínicos.

As associações de pessoas com doença são importantes; deve haver um maior envolvimento com a criação de parcerias com as ordens profissionais da saúde em diferentes áreas, incluindo a formação; deve-se criar parcerias com responsáveis pela criação de conteúdos televisivos de grande audiência; proposta de um programa sobre ensaios clínicos em canais dedicados à saúde, como é o caso do Canal Saúde Mais; parcerias com a academia para promover mais formação em ensaios clínicos; incluir a AICIB/Apifarma/indústria em parcerias formativas e de divulgação, seja por via dessas instituições, seja através da participação em congressos/reuniões científicas dos profissionais de saúde de diferentes áreas funcionais e de diferentes instituições de saúde.

CONCLUSÃO

A integração dos cidadãos com e sem doença como parceiros ativos na investigação clínica não é apenas benéfica, mas necessária e fundamental para o avanço da ciência médica em Portugal e no mundo. Ao promover um ambiente de confiança e cooperação entre os vários intervenientes e aproveitando a perspetiva e motivação únicas das pessoas com doença e dos seus familiares, o país pode melhorar a qualidade, relevância e impacto da sua investigação clínica.

Além disso, capacitar os cidadãos com doença através de um melhor e mais facilitado acesso à informação e para um maior envolvimento nos projetos e atividades de investigação promove um sistema de saúde mais inclusivo, eficaz e sustentável. As associações de pessoas com doença devem ser reconhecidas como atores chave na economia social, com os seus papéis e contribuições apoiados através de estratégias de financiamento inovadoras e colaboração aprimorada com centros de investigação e a indústria farmacêutica, entre outros atores. Além disso, a participação ativa das pessoas com doença em Comissões de Ética e em Conselhos Consultivos garante que suas vozes sejam ouvidas em todas as fases do processo de investigação.

Por fim, a adoção de um código de conduta, práticas recomendadas e padrões éticos com base na melhor evidência disponível para o envolvimento das pessoas com doença garantirá que Portugal continue a ser um líder em investigação médica e na prestação de cuidados de saúde.

Este esforço coletivo e participativo não só avançará a investigação científica, como também garantirá que ela esteja alinhada com as necessidades reais das pessoas com doença, melhorando assim os resultados de saúde em todo o país.

Na sessão de trabalho, os diversos intervenientes no ecossistema de ensaios clínicos em Portugal apresentaram diversas perspetivas e recomendações cujo objetivo é construir uma comunidade de pessoas com doença informada e envolvida ativamente nas atividades de investigação clínica.

Em anexo encontrará uma infografia e a lista de participantes.

Relatório elaborado com apoio da *medical writer* Ana Sofia Correia, em maio de 2024.

ANEXO 1



Compilação das perspetivas e recomendações dos diversos intervenientes no ecossistema de ensaios clínicos em Portugal, resultantes do workshop “Visão integrada sobre como construir uma comunidade de doentes informada e ativa” dinamizado pela EUPATI no âmbito da Conferência “Ensaaios Clínicos: Investigação que dá esperança aos doentes e traz melhor vida a todos” organizada pela Apifarma a 17 de maio de 2024. O objetivo é construir uma comunidade de pessoas com doença informada e envolvida ativamente nas atividades de investigação clínica.



	PRÉ-DESENVOLVIMENTO	DESENVOLVIMENTO	DISSEMINAÇÃO	EXECUÇÃO
LITERACIA EM SAÚDE E ACESSO À INFORMAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> Promover programas de literacia em saúde desde cedo, nos primeiros ciclos de ensino nas escolas. Transformar e capacitar professores/educadores em agentes ativos de saúde pública. Adaptar programas de literacia em saúde a todas as faixas etárias, conforme o público-alvo. 	<ul style="list-style-type: none"> Incluir associações de pessoas com doença no processo de literacia. Envolver os Agrupamentos de Centros de Saúde (ACES) e a Saúde Escolar em estratégias de ensino. Incluir nos programas escolares matérias sobre Ensaaios Clínicos ao longo de toda a formação escolar. 	<ul style="list-style-type: none"> Organizar sessões públicas de apresentação do CTIS (Sistema de Informação sobre Ensaaios Clínicos) em português, para explicar o tipo de informação disponível. Melhorar o acesso a informações sobre ensaios clínicos, capacitando pessoas com doenças e seus cuidadores com conhecimento e ferramentas de acesso. 	<ul style="list-style-type: none"> Incluir a participação de personagens em ensaios clínicos em novelas e outros programas de televisão populares para aumentar a audiência e a disseminação da informação. Utilizar programas de debate matinais ou vespertinos para promover a discussão e consciencialização sobre ensaios clínicos.
CAPACITAÇÃO E FORMAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> Capacitar os investigadores para lidar com a realidade do "doente especialista", promovendo a comunicação e a aproximação da linguagem entre academia, promotores, unidades de saúde e sociedade. Promover a formação contínua ao longo da vida dos profissionais que trabalham em ensaios clínicos. 	<ul style="list-style-type: none"> Promover o contacto entre os Promotores e as Organizações de Investigação por Contrato (CRO) com as associações de pessoas com doença em Portugal, tornando-as parte do processo de investigação. Desenvolver formações específicas em ensaios clínicos para enfermeiros e outros profissionais de saúde, como fez a Ordem dos Enfermeiros com a Apifarma. 	<ul style="list-style-type: none"> Explicar o processo de investigação às pessoas com doença e seus cuidadores, esclarecendo dúvidas e transmitindo confiança, especialmente nos cuidados de saúde primários. Dedicar profissionais em tempo completo à área de ensaios clínicos, em vez de parcial ou conforme as necessidades de cada instituição. 	<ul style="list-style-type: none"> Incluir a tutela/governo na criação de uma carreira específica em ensaios clínicos. Criar Departamentos de Investigação Clínica nos Centros Hospitalares/Unidades Locais de Saúde (ULS), com parcerias com a academia, para responder à necessidade de profissionalização e dedicação exclusiva dos profissionais à área de investigação.
ENVOLVIMENTO NA INVESTIGAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> Envolver pessoas com doença e seus cuidadores desde as fases iniciais da investigação. Criar conselhos consultivos de pessoas com doença e cuidadores. Desenvolver um código de boas práticas para o envolvimento de pessoas com doença, fundamentado em valores de relevância, justiça, transparência, confiança, equidade, diversidade e capacitação. 	<ul style="list-style-type: none"> Assegurar a participação de pessoas com doença e suas associações nas Comissões de Ética. Colaborar estreitamente com promotores e investigadores. Incluir famílias e cuidadores em todas as áreas da investigação clínica, tanto em estudos pediátricos quanto em adultos. Promover parcerias com grupos que fomentem o envolvimento de familiares e cuidadores. 	<ul style="list-style-type: none"> Implementar metodologias estruturadas e comprovadas para facilitar o envolvimento de pessoas com doença, famílias e cuidadores. Utilizar ferramentas de formação e capacitação, como as desenvolvidas pela EUPATI e outras organizações. Incluir representantes de pessoas com doença nas Comissões de Ética, garantindo a formação necessária. 	<ul style="list-style-type: none"> Identificar e promover instrumentos e abordagens de formação já desenvolvidos (p. ex., EUPATI, EURORDIS, eYPAGNet e conect4children). Valorizar materiais de alta qualidade produzidos nacionalmente (p. ex., EUPATI e STAND4Kids). Desenvolver mecanismos transparentes nas instituições de investigação para colaboração com “doentes especialistas”.
COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> Criar e implementar um plano estratégico de comunicação que inclua redes sociais, colaboração entre partes interessadas e uso de plataformas já existentes (p. ex., Portugal Clinical Trials). Desenvolver uma plataforma digital para envolver pessoas com doença e o público em geral, fornecendo informações claras e oportunidades de participação. 	<ul style="list-style-type: none"> Aumentar a literacia sobre ensaios clínicos, mitigar estigmas e distribuir materiais informativos. Utilizar a rede interna de cada instituição para a promoção e divulgação dos ensaios clínicos. Envolver a tutela/governo no plano estratégico de comunicação e combate à iliteracia em ensaios clínicos. 	<ul style="list-style-type: none"> Trabalhar numa estratégia eficaz de referenciação de pessoas com doença para aumentar o número de participantes em ensaios clínicos. Utilizar plataformas digitais (p. ex., EVITA Platform) para tornar o processo de envolvimento das pessoas com doença mais ágil e eficiente. 	<ul style="list-style-type: none"> Utilizar redes sociais, podcasts em várias plataformas e canais de comunicação social para a divulgação dos ensaios clínicos. Promover a divulgação de ensaios clínicos nas páginas oficiais das instituições e através do circuito intranet, incluindo a marcação de exames e acesso aos resultados.
COLABORAÇÃO E PARCERIAS	<ul style="list-style-type: none"> Desenvolver campanhas de consciencialização sobre o valor da investigação clínica, promovidas por associações de pessoas com doença. Criar parcerias com a indústria farmacéutica, hospitais, institutos de investigação e outras entidades para aumentar a literacia sobre ensaios clínicos. Envolver cidadãos/pessoas sem doença para promover uma cultura de informação, transparência e confiança na investigação clínica. 	<ul style="list-style-type: none"> Investir em campanhas de consciencialização sobre a importância da notificação de acontecimentos adversos relacionados com medicamentos. Estabelecer parcerias com as ordens profissionais da saúde para maior envolvimento e formação. Criar parcerias com responsáveis pela criação de conteúdos televisivos de grande audiência e com canais dedicados à saúde (p. ex., Canal Saúde Mais). 	<ul style="list-style-type: none"> Propor e desenvolver programas sobre ensaios clínicos em canais de televisão dedicados à saúde. Promover parcerias com a academia para promover mais formação em ensaios clínicos.
 - Incluir a AICIB, Apifarma e a indústria farmacéutica em parcerias formativas e de divulgação, participando em congressos e reuniões científicas dos profissionais de saúde. 	<ul style="list-style-type: none"> Continuar a promover campanhas de consciencialização junto a profissionais e cidadãos sobre a importância da notificação de acontecimentos adversos e da investigação clínica. Utilizar as parcerias estabelecidas para divulgar resultados e promover a segurança e eficácia dos medicamentos.

ANEXO 2

PARTICIPANTES (ordem alfabética):

<p>Ana Vieira Núcleo do Síndrome de Sjögren da Liga Portuguesa contra as Doenças Reumáticas</p>	<p>João Rodrigues Associação Nacional de Displasias Ósseas (ANDO Portugal)</p>
<p>Ângela Papa PPD / EUPATI PORTUGAL</p>	<p>Laetitia Grupo de Ativistas em Tratamentos (GAT)</p>
<p>Arsisete Saraiva Associação Nacional de Doentes com Artrite Reumatóide (A.N.D.A.R.)</p>	<p>Manuel Belo Costa Ordem dos Enfermeiros</p>
<p>Beatriz Lima Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa</p>	<p>Manuel Goncalves Goncalves & Partners</p>
<p>Bruno Gago Associação para a Formação Profissional e Investigação da Universidade de Aveiro (UNAVE)</p>	<p>Maria João Salgado Johnson&Johnson Innovative Medicine</p>
<p>Carolina Garcez <i>Patient Advocate</i></p>	<p>Patrícia Adegas Novartis</p>
<p>Cristina Lopes Associação Portuguesa da Indústria Farmacêutica Associação Portuguesa da Indústria Farmacêutica (Apifarma) / EUPATI PORTUGAL</p>	<p>Pedro Faleiro INFARMED I.P. Incluir</p>
<p>Elsa Mateus Liga Portuguesa contra as Doenças Reumáticas / EUPATI PORTUGAL</p>	<p>Ricardo Fernandes Stand4Kids – Hub português</p>
<p>Guilherme Luz Sanofi</p>	<p>Ricardo Santos Ordem dos Farmacêuticos</p>
<p>Helena Beaumont Agência de Investigação Clínica e Inovação Biomédica (AICIB)</p>	<p>Sofia Alaiz Abbvie</p>
<p>Jaime Melancia Associação Portuguesa da Psoríase (PSOPortugal)</p>	<p>Tatiana Vassilevskaia Associação EVITA - Cancro Hereditário</p>
<p>Joana Camilo Associação Dermatite Atópica Portugal (ADERMAP)</p>	<p>Vera Gomes Crohn Colite Portugal</p>
<p>Moderação: Nadim Habib, Professor Nova School of Business and Economics e Consultor Internacional</p>	